

## DARCY RIBEIRO: A LITERATURA COMO REFLEXÃO SOBRE O EXÍLIO

### DARCY RIBEIRO: THE LITERATURE AS REFLECTION ON EXILE

Geraldo da Aparecida Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** A perda do *sentido de si*, estável como sujeito integrado, vem ocasionando o deslocamento e a descentralização do indivíduo. Entendemos que a constante mobilidade e as migrações, forçadas ou não, contribuem para esse quadro. Consequentemente, na modernidade, notamos uma mudança significativa nos conceitos de identidade e subjetividade. Argumenta-se, nesse sentido, que, desde a virada do século XIX, o ser humano vem assistindo ao lento processo de fragmentação e fragilização da sua subjetividade, de que é o sujeito de si mesmo e da sua história. Neste artigo buscaremos discutir essas questões através da abordagem dos livros *O mulo*, *Confissões*, *Migo* e *Testemunho*, de Darcy Ribeiro.

**Palavras-chave:** Exílio. Migração. Fragmentação do sujeito. Errância.

**Abstract:** The loss of the sense of self once stabled as an integrated subject has been causing displacement and decentralization of the individual. It's understandable that constant mobility and how migrations, forced or not, contribute to this situation. Nowadays we consequently notice a significant change in the concepts of identity and subjectivity. In this regard it is argued that since the turn of the 19th century, the human being has been witnessing a slow process of fragmentation and fragility of their subjectivity as the subject of self and their history. In this article we'll seek to discuss these issues through the approach of the books *O mulo*, *Confissões*, *Migo* e *Testemunho*, by Darcy Ribeiro.

**Keywords:** Exile. Migration. Fragmentation of the subject. Wandering.

### 1. Introdução

Os constantes deslocamentos a que estamos sujeitos ao longo de nossas vidas aliados às bruscas transformações que ocorrem nos espaços urbanos e rurais que conhecemos podem nos levar a um sentimento angustiante de “estar deslocado”, de uma falta de identificação com o local de origem, de perda das raízes que nos ligam a um determinado espaço. São aspectos como esses que nos levaram a apresentar este artigo, em que buscaremos apontar sinais desse “desenraizamento” que os narradores de *O mulo*, *Migo*, *Confissões* e *Testemunho*, de Darcy Ribeiro apresentam nas referidas obras.

---

<sup>1</sup> Professor, graduado em Letras pela Unimontes, Mestre em Letras pela USP e Doutor em Letras pela UFMG. Contato: geraldo.ferreira@unimontes.br.

Darcy Ribeiro nasceu em Montes Claros, no dia 26 de outubro de 1922, filho de Reginaldo Ribeiro dos Santos e de Josefina Augusta da Silveira Ribeiro. Aos dezessete anos, transferiu-se para Belo Horizonte para estudar medicina. Percebendo que não tinha vocação para ser médico, abandonou o curso e ingressou na Escola de Sociologia e Política (SP). Diplomou-se em Ciências Sociais, em 1946, com especialização em Antropologia, passando a desenvolver atividades junto a várias tribos indígenas do país.

Participou ativamente do governo de João Goulart, sendo seu Ministro da Educação e chefe da Casa Civil. Com o golpe militar de 1964, Darcy teve seus direitos políticos cassados e passou a viver como exilado. Naquele período morou no Uruguai, no Chile, no Peru e na Venezuela, sempre se envolvendo com as questões educacionais e políticas daqueles países.

Retornou ao Brasil em 1976, sendo anistiado em 1980. Voltou a dedicar-se à política, vindo a ser eleito vice-governador do Rio de Janeiro, em 1982, em chapa encabeçada por Leonel Brizola. Em 1990, foi eleito senador da República. Darcy, que lutava contra o câncer desde 1975, sucumbiu à doença, vindo a falecer em 17 de fevereiro de 1997, em Brasília.

A obra de Darcy – que o colocou na Academia Brasileira de Letras, ocupando a cadeira 11 que havia pertencido a Deolindo Couto – é composta de diversos trabalhos etnológicos, antropológicos, ensaios relativos à cultura e à educação. Escreveu ainda: os romances *Maira* (1976), *O mulo* (1981), *Utopia selvagem* (1982) e *Migo* (1988); os livros de memórias *Testemunho* (1990) e *Confissões* (1997), além do livro de poesias *Eros e Tanatos* (1998).<sup>2</sup>

## 2. Um mulo exilado

Uma das obras mais instigantes do referido escritor é o citado romance *O mulo*, publicado em 1981. A narrativa do personagem principal, a princípio inominado, perpassa toda a sua existência, desde uma infância miserável até se tornar grande proprietário de terras. Darcy Ribeiro, no seu livro *Confissões*, analisa que em *O mulo* procurou retratar a enorme desigualdade social existente no interior do país. Fala da ganância dos grandes latifundiários e a forma brutal como são tratadas as pessoas que dependem daqueles poderosos:

---

<sup>2</sup> Dados encontrados nos citados sítios da Academia Brasileira de Letras e da Fundação Getúlio Vargas, e também no sítio da Fundação Darcy Ribeiro ([www.fundar.org.br](http://www.fundar.org.br)).

É ou quer ser o retrato romanesco de nossa classe dominante rústica, em toda a sua bruteza de gastadores de gente no trabalho, em sua fome insaciável de terras latifundiárias em seu desejo de poder. [...] Além da espoliação de sua força de trabalho e de toda a sorte de opressões a que são submetidos, nossos caipiras sofrem um roubo maior, que é o de sua consciência. O patronato rural se mete em suas mentes para fazê-los ver a si mesmos como a coisa mais reles que há. Guardo em mim recordações indeléveis das brutalidades que presenciei de minha gente mineira e por todos esses brasis contra vaqueiros e lavradores que não esboçam a menor reação. [...] *O mulo* foi para mim mais uma ocasião dessas em que não perco de testemunhar o quanto somos um país enfermo de desigualdade. Se as relações interraciais são mais fluentes entre nós que em outras partes – apesar do peso do preconceito que reina aqui –, as relações sociais no Brasil são infranqueáveis. A distância que separa os ricos dos pobres é abismal. (RIBEIRO, 1977, p. 512-513)

Além do aspecto reconhecidamente de denúncia de uma realidade desumana existente nas regiões remotas do Brasil, um outro tema que nos interessa no romance de Darcy Ribeiro é a questão da falta de referências que possam ajudar o protagonista a se identificar como pessoa. Ele perde a mãe muito cedo, não tem certeza de quem seja o seu pai, sequer tem um nome oficial:

Lá fui eu, salvo, na garupa de Salatiel decidir minha sina com o capitãozinho Duxo, dono daqueles descampados. [...] Aí perguntou meu nome, Salatiel repetiu a pergunta, eu respondi: Trem. Ele: Terem? Insisti: Trem! Ele: Terezo? Eu: Terezo. Terezo é o nome dele, decidiu seu Duxo. (RIBEIRO, 2007, p. 51)

Assim o narrador, que mais tarde assumirá o nome de Philogônio de Castro Maya, passa a registrar em um texto confessional todos os seus crimes e atrocidades que o levaram a ser um rico fazendeiro. Agora no final da vida ele busca uma forma de redenção, de um perdão divino para a sua alma. Para isso um dos seus empregados teria que encontrar um padre que seria seu intercessor junto a Deus. Como pagamento pela remissão dos pecados, o padre herdaria todos os seus bens.

Dentro dessa bem urdida trama, detectamos constantes transformações e deslocamentos do narrador, ora fugindo de algum crime, ora desertando do serviço militar. Esses constantes deslocamentos vão contribuindo para a formação de uma identidade fragmentada, disforme:

Quem sou eu, de tantos que fui? Sou todos eles e sou eu só. Não sou nenhum. Cada um foi ele, até a véspera do dia em que pariu o outro; que ele não tinha dentro de si, senão como vaga possibilidade. Isso foi o que me sucedeu. [...] Sou como cobra, de tempos em tempos mudo o couro, ganho novo pelame. (RIBEIRO, 2007, p. 140)

Ao fazer referência direta a aspectos decisivos em sua vida, o protagonista nos coloca diante da ideia de travessia, de mudança, de diáspora. A mensagem que esse trecho nos traz é bastante significativa. O narrador está deixando para trás – mesmo que simbolicamente nesse momento – sua infância, suas referências de pertencimento e abrindo-se para um novo

mundo, num sertão cheio de desafios e de oportunidades. Claro que muitas decepções e tristezas o aguardam, mas é emblemática a troca de “couros” a que faz referência. A mudança de personalidades, aqui metaforizadas por troca de couros, acompanha os novos locais a que o narrador tentava se estabelecer. A cada fracasso, novo deslocamento e novo “pelame”.

Poderíamos concordar com Pòvoa Neto que aponta vários motivos que levam à mobilidade humana, e dentre eles, a busca pela sobrevivência (PÒVOA NETO, 2010). A falta de oportunidade de empregos ou a fome fariam parte desse funesto elenco. Tudo isso ocorre com o protagonista do romance em questão e já justificaria suas constantes jornadas. Entretanto, acreditamos poder aprofundar um pouco mais em nosso estudo e para isso recorreremos a outros conceitos.

Essa travessia – como vimos, não só geográfica – se estende à condição do protagonista. De uma criança órfã e muito pobre, passará por um forçado estágio de amadurecimento para, por fim, tornar-se um poderoso fazendeiro. Acreditamos que podemos fazer uma alusão à condição que Stuart Hall chama de “estrangeiro familiar” (HALL, 2003, p. 415). Nosso protagonista deixa um lugar em que não se sente mais aceito, e sai em busca de um novo contexto. Ele, depois de diversas tentativas, vai acabar se adaptando à vida em sua fazenda dos Laranjos, sem, porém, conseguir se integrar de forma absoluta à nova condição. Assim como define Hall, o nosso protagonista passará a conhecer vários lugares sem pertencer integralmente a nenhum deles (HALL, 2003).

Dentre os aspectos que podem ser relacionados com a desestabilização identitária do sujeito, entendemos que as constantes migrações que nosso protagonista realizou, contribuíram decisivamente para a sua falta de identificação com a pessoa que se tornou.

Darcy Ribeiro, assim como o seu protagonista, também viveu situações de deslocamentos, de viagens e de exílio. Ele foi para Belo Horizonte aos dezessete anos, estudar medicina. Como percebeu que não tinha vocação, partiu para São Paulo. Devido a seu ativismo político foi exilado após o golpe militar de 1964. Naquele período morou no Uruguai, no Chile, no Peru e na Venezuela por doze anos, quando retornou ao Brasil. Esse estado de “migrância” contribuiu – acreditamos que decisivamente – com o processo de rompimento com a terra em que nasceu, de “desenraizamento”. Darcy Ribeiro, em *Confissões*, fala de certo estranhamento ao retornar a sua cidade natal, depois de passados alguns anos:

Montes Claros de eu menino se orgulhava de ter mais de 20 mil habitantes. Cresceu tanto que supera agora os 200 mil. Coitada. Daqueles vinte, um quarto vive no casco da cidade. O restante nos arredores: Roxo Verde, Cintra e outros. A cidade antiga expandiu-se tanto que esgarçou. Não sobrou nenhum dos prédios mais velhos. Apenas uns

sobradões e a catedral velha lembram a antiga grandeza. Quando vou lá fecho os olhos e abro os da memória para ver minha cidade como tal qual era. Montes Claros só existe de fato dentro de mim, como coisa pensada. (RIBEIRO, 1997, p.15)

A constatação das marcas que a indefectível passagem do tempo exerce sobre as paisagens, cidades e ambientes fica patente nesse excerto do livro de Darcy Ribeiro. A cidade tal qual ele conheceu só existe agora em suas lembranças. A memória fluida e frágil não se configura como ferramenta confiável para reter, de forma definitiva, tais imagens e, por isso, as referências de pertencimento começam a se tornarem esmaecidas, esfumadas. Os romances do escritor mineiro, recorrentemente, abordam essa temática da perda de referencial cultural, de sentir-se como “um peixe fora d’água”, mesmo estando no lugar em que nasceu. Entendemos não ser um pensamento forçado imaginarmos que a repetição desse tema em sua obra romanesca reflita alguma angústia existencial do sujeito histórico.

Philogônio Maya não aparenta ter tido grandes alegrias em sua vida errante, apesar disso, sua peregrinação em busca do enriquecimento, parece também ser a procura por uma identidade própria, já que não possuía vínculos com a terra natal para serem rompidos. Segundo Rita Olivieri-Godet (2010):

No ensaio *L'esprit migrateur*. Essai sur l'ê non-sens commun (2005), Pierre Ouellet desenvolve o conceito de migrância buscando dar conta das mutações da subjetividade no contexto das nossas sociedades pós-coloniais, no qual, por razões diversas, políticas, econômicas culturais ou outras, o ser humano vive em deslocamento. Deslocado, desabrigado, o homem não possui mais um lugar onde possa se sentir em casa (*chez lui*). A migrância não diz respeito apenas à travessia física dos territórios. A esta dimensão exterior da migrância como deslocamento físico, sobrepõe-se a dimensão interior, ontológica e simbólica da migrância, o deslocamento do “Sentido do Ser” (*du Sens de l'Être*). (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 192)

Como apontado acima, a migrância é algo que transcende a mudança do espaço físico, atingindo a essência do sujeito, desestabilizando-o. A terra natal vai perdendo o sentido de raiz, o protagonista tem dificuldade em se reconhecer como pertencente àquele espaço. Não por ingratidão ou esquecimento, mas por que o lugar em que nasceu não existe mais como o conheceu e nem ele é o mesmo. Hall nos auxilia nesta discussão:

Esta é a sensação familiar e profundamente moderna de deslocamento, a qual – parece cada vez mais – não precisamos viajar muito longe para experimentar. Talvez todos nós sejamos, nos tempos modernos – após a Expulsão do Paraíso, digamos – o que o filósofo Heidegger chamou de *unheimlichkeit* – literalmente, “não estamos em casa”. (HALL, 2002, p.15)

O protagonista de *O mulo*, a despeito de ter viajado para muito longe para ter sua vida indelevelmente modificada, comunga com o sentimento de “não-pertencimento” a

nenhum dos locais pelos quais vagou, sentimento que só aumenta com a passagem do tempo, e com as transformações ocorridas:

Viajar estradeiro, no meio dos homens, que encabeçam cada lote de tropa, é viver vivendo vendo viver, convivendo. Não se pode é parar. Parei. A estrada que tenho agora, diante de mim, seu padre, é só essa do retorno, por palavras, aos idos meus que não estão mais nesse mundo. Estão só no meu peito. (RIBEIRO, 2007, p. 165)

Os lugares que conheceu não existem como o narrador tinha na memória. A passagem do tempo é inclemente e a tudo transforma. As viagens e os reencontros com as antigas formas e pessoas só é possível dentro da imaginação. Apesar dessa aparente vitória nas lutas pelo interior, nosso personagem não consegue definir-se como pertencente a um lugar específico.

### **3. As confissões de um exilado**

Antes de se configurar como problema a multiplicidade de significados que a palavra exílio pode assumir, ela nos possibilita estabelecer algumas relações que consideramos interessantes neste momento.

O livro *Confissões*, que conta com ilustrações de Oscar Niemeyer e publicado em 1997 pela Companhia das Letras, aborda inicialmente a infância de Darcy em sua Montes Claros natal. Neste trecho, o autor discorrerá sobre particularidades de sua cidade, as festas folclóricas, as famílias tradicionais, a sociedade local, os fatos que marcaram sua infância e a transição para a juventude.

A partir daí, o escritor passa a narrar suas experiências em Belo Horizonte e o impacto que o convívio na cidade grande trouxe para o jovem interiorano. O narrador nos apresenta a capital mineira em franco desenvolvimento no final dos anos 1930 e o amor instantâneo que ele passou a nutrir pela cidade.

Um outro trecho que chama muito a atenção é o capítulo em que Darcy aborda as questões políticas do Brasil, na década de 1950. Com um olhar extremamente crítico, ele emite opiniões fortes sobre o suicídio de Getúlio Vargas, a renúncia de Jânio Quadros e, principalmente, sua visão a respeito do golpe militar contra o governo do seu amigo João Goulart e os interesses envolvidos em tal episódio.

Darcy comentará ainda sua vida no exílio, as aventuras que viveu no Uruguai, Chile, Venezuela e Peru, além de muitas das suas conquistas amorosas ao longo da vida, e a simultânea descoberta do câncer que viria a matá-lo anos mais tarde. Seus encontros com Fidel Castro e com Che Guevara também merecem destaque.

A atuação de Darcy como senador da República também será passada a limpo, inclusive sua batalha e as artimanhas usadas para conseguir implantar em Brasília uma importante universidade, a UnB, e a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação.

Publicado em 1988, *Migo* também é narrado em primeira pessoa. Trata-se de um livro de memórias de Ageu Rigueira, um escritor solitário em permanente conflito consigo mesmo, que também vive em Belo Horizonte, na década de 1980. Por trás da narrativa da vida banal do narrador, observa-se o delineamento do retrato de um intelectual, um romancista que parte da cidade interiorana chamada Mangueiral, para a Belo Horizonte de meados do século passado, mas não consegue se desvincular das suas raízes. O narrador fará uma análise de sua vida, emitirá suas impressões sobre o caráter do mineiro e do brasileiro. Alternando nostalgia e ironia, ele questionará o papel do intelectual na sociedade.

Inicialmente, recorreremos a um fragmento do livro *Reflexões sobre o exílio*, de Edward Said:

Embora seja verdade que toda pessoa impedida de voltar para casa é um exilado, é possível fazer distinções entre exilados, refugiados, expatriados e emigrados. O exílio tem origem na velha prática do banimento. Uma vez banido, o exilado leva uma vida anômala e infeliz, com o estigma de ser forasteiro. [...] Os expatriados moram voluntariamente em outro país, geralmente por motivos pessoais ou sociais [...] eles podem sentir a mesma solidão e alienação do exilado, mas não sofrem com suas rígidas interdições. (SAID, 2005, p. 52)

Partindo dessa divisão proposta por Said, podemos sugerir algumas classificações: no sentido restrito de exílio, de banimento, teríamos Darcy Ribeiro, que como dissemos em outro momento deste artigo, foi perseguido pela ditadura militar e teve cassados os seus direitos políticos, passando a viver em países da América Latina. Todavia, desejamos trabalhar com um conceito mais amplo, que possibilitará um processo comparativo entre os protagonistas do nosso *corpus*. Acreditamos que o conceito de “errância”, estudado por Rita Olivieri-Godet, colabore conosco:

Os deslocamentos no próprio conceito de errância aproximam-no das figuras da migrância, da deriva, da viagem, do exílio, da diáspora cada vez mais presentes nos discursos sociais, e na produção literária de nossas sociedades atuais marcadas pelas mobilidades transculturais questionando as noções de afiliações identitárias e culturais. O rico simbolismo da errância e de seus desdobramentos em diferentes facetas manifesta-se tanto na sua dimensão exterior, como deslocamento físico, quanto na dimensão interior e ontológica que a ela se sobrepõe: errância como busca de um alhures, viagem existencial imprevisível em busca da alteridade reveladora, do “estrangeiro que nos habita” (KRISTEVA, 1998), parte errática do eu não assimilável; errância que associa o processo de reconstrução do eu à experiência do diverso, do Outro, da diferença cultural em textos que abordam a temática das migrações. (OLIVIERI-GODET, 2010, p. 190)

Considerando o conceito mais amplo de exilado exposto no início da citação de Said, acima, como “toda pessoa impedida de voltar para casa”, e reforçado pelo conceito de errância, acreditamos estar autorizados a estender a ideia ao livro *Migo*. O exílio em questão estaria na relação que o narrador possui com a antiga terra natal e a impossibilidade de a ela retornar.

Estabelecendo uma relação com o conceito de errância, Ageu Rigueira busca, em alguns momentos do livro, uma definição para a questão do pertencimento. Ele não é de Mangueiral, não é de Belo Horizonte. Seu país, sua pátria, é Minas Gerais:

Meu país, minha patrinha, pra valer, é Minas. [...] Minas é minha patrinha, minha nação, meu gene, minha etnia. Mineiro sou, apesar de mim. Isto que é que sou: mineiro. [...] Onde quer que nasça um mineiro, e nascemos por toda parte, é também um pouco mineira pátria minha. Patriazinha. Para mim, todo brasileiro é mesmo, vendo bem, um disfarçado mineiro. (RIBEIRO, 1988, p. 148)

Ao longo do livro, essa convicção de que pertence a Minas é relativizada com novas incursões pelo mundo das palavras ao qual o personagem julga pertencer. Contudo, não conseguimos captar um apaziguamento em relação às suas origens. Ageu gostaria de retornar à sua Mangueiral, porém não a que existe no presente, mas àquela em que passou a infância. Acreditamos ser importante ressaltar que o narrador não expressa seus sentimentos – pelo menos, não em nossa opinião – com saudosismo, pelo contrário, ele demonstra ter plena consciência da impossibilidade de retorno ao passado.

Os protagonistas de *Migo* não precisaram viajar para muito longe para terem suas vidas indelevelmente modificadas. Apesar da proximidade com a cidade natal e da adaptação à vida na metrópole, o sentimento de “não-pertencimento” a nenhuma delas aumenta com a passagem do tempo, como questiona Ageu:

Sopra uma aragem aqui no escritório, com fragrâncias do Mangueiral. É o cheiro acre das flores do cajueiro lá do quintal. Planta forte e bela o cajueiro. Asilado aqui nas alterosas, como eu. Ele é de lá, de minhas caatingas secas, quentes do Mangueiral. Aqui mingua, lá não, se esgalha todo, floresce, frutifica a gosto, fartamente. Eu não. Lá não vinguei bem. Nem me alegrei. Cá, estou melhor, mas minha pátria verdadeira nem sei onde é. Se é lá, se é cá (*Migo*, p. 122).

Ageu se compara ao cajueiro que tem em seu quintal. Aquela árvore, retirada do seu *habitat*, não apresenta o mesmo desempenho que teria se estivesse no sertão, no interior. A situação do narrador é oposta. Ele acredita que se deu melhor com a mudança. Conseguiu uma carreira pública que lhe deu estabilidade e liberdade para se dedicar às letras. Apesar dessa aparente vitória na cidade grande, Ageu não a considera como sua “pátria”, ele não consegue definir a qual delas pertence.



Darcy Ribeiro, após o golpe militar de 1964, foi obrigado a deixar o Brasil, passando a viver como exilado no Uruguai, Venezuela, Chile e Peru. Em suas *Confissões*, encontramos uma significativa parte dedicada ao período, da qual retiramos alguns trechos que consideramos emblemáticos:

O exílio é uma experiência terrível, sobretudo para os brasileiros. Temos um país tão grande e variado, tão cheio de sumos, seivas e cores que ser tirado daqui é um desterro. Para todos os exilados, exílio é sofrimento. (RIBEIRO, 1997, p. 361)

[...] Como se vê, meu longo exílio uruguaio, se não foi de flores, também não foi de espinhos. Nunca vivi um período tão fecundo na minha vida. Entrei logo em convivência com intelectuais uruguaios, sobretudo o grupo da revista *Marcha* e os amigos de Angel Rama e de Eduardo Galeano, um menino já jornalista profissional. Junto com eles planejei e produzimos uma bela e lúcida *Enciclopédia da cultura uruguaia*, que me permitiu tomar o pulso da intelectualidade do país. (RIBEIRO, 1997, p. 363)

[...] O Uruguai foi para mim um exílio fecundo. Lá, nas longas horas que o exílio nos dava, estudei e escrevi muito. [...] Lá escrevi a primeira versão de *O povo brasileiro* [...] Completei no Uruguai *O processo civilizatório* e *Os índios e a civilização*, livro que eu me devia fazer muitos anos. Lá também, para descansar do duro trabalho de elaboração desses livros teóricos, escrevi a primeira versão de *Maira*. (RIBEIRO, 1997, p. 372-373)

[...] Depois de anos de exílio, minhas chegadas ao Rio foram as grandes alegrias de minha vida. A maior de todas foi, afinal, aquela em que vim para ficar, para aqui me plantar e para aqui viver o resto de meus dias. (RIBEIRO, 1997, p. 454)

Darcy viveu intensamente os anos que passou no exílio. Muitos amores, engajamento nas questões locais, elevada produção de textos teóricos e o início da carreira literária. Foi um período de sofrimento, porém fundamental para a formação de uma consciência crítica acerca dos problemas da América Latina, como aponta Haydée Ribeiro:

Como exiliado, Darcy Ribeiro comenzaba su destino de errancia, pero también de conocimiento de América Latina, apoyado por sus amigos uruguayos y estimulado por las conocidas cualidades de Ángel Rama: inteligencia, espíritu integrador, apertura al otro, crítica ética y política. Creo que el asilo uruguayo le propició al autor de *As Américas e a Civilização* intercambios culturales importantes y definitivos. (COELHO, 2009, p. 195)

Encontramos, em outra obra de Darcy, *Testemunho*, um trecho em que ele fala do período em que esteve exilado. Neste fragmento que citaremos abaixo, poderemos confirmar o que foi dito até aqui:

Em abril de 1964 me vi no exílio junto com Jango no Uruguai. Durante os primeiros anos pensei sempre que aquele seria um exílio de seis meses. Na verdade, foi longuíssimo, alongando-se pela Venezuela, Chile e Peru e me levando também em viagens de trabalho a muitos países europeus. A opção de ficar na América Latina, recusando as oportunidades de ir para Paris ou Roma, foi a decisão mais sábia que fiz na vida. Ela me possibilitou a reconstrução de mim mesmo como intelectual. Na Europa teria continuado minha etnografia indígena como um mero etnólogo de gabinete e viveria sempre sob o risco de me converter num basbaque, como aconteceu com tanta gente. Em lugar disto, no Uruguai, me

fiz um brasileiro mais consciente e aprendi a ser latino-americano. Em consequência, hoje sou mais lido nos países da América Latina do que no Brasil. O exílio me foi mais leve do que para muitos companheiros de desterro. Na semana em que cheguei ao Uruguai fui contratado pela Universidade como professor de tempo integral. Desde então vivi entrosado com os colegas e com a intelectualidade uruguaia. Colaborei no planejamento e na realização da Enciclopédia Cultural Uruguaia, dirigida por Ángel Rama, e dirigi um Seminário da reforma da Universidade do Uruguai, de que resultou seu programa de reestruturação, o Plano Maggiolo. Nos dez anos seguintes, com base na minha experiência na Universidade de Brasília e na Universidade do Uruguai, andei por toda a América Latina dirigindo seminários de reforma universitária e elaborando planos de reestruturação. Isto é o que fiz para as universidades nacionais da Venezuela, do Peru, e para a criação de novas universidades na Argélia e na Costa Rica. No exílio prossegui também na militância política, tanto com meus companheiros brasileiros, especialmente Jango e Brizola, como junto aos governos latino-americanos que mais se esforçavam para romper com a dependência e o atraso. (RIBEIRO, 2009, p. 119-123)

Esse excerto corrobora a ideia de que, longe de ser um período de melancolia e saudades da terra natal, o exílio para Darcy, principalmente no Uruguai, foi responsável por uma tomada de consciência em relação às questões relativas à educação na América Latina, além de não o impedir de continuar suas lutas políticas.

O fato de sair da terra natal, voluntária ou involuntariamente, mostra-se ser fonte de sofrimento e melancolia. Porém, conforme pudemos observar, o exílio traz consigo outros desdobramentos. Nos romances/livros de memórias, verificamos personagens resignados com a condição de não mais poder voltarem aos locais de origem, pois eles não mais existiam como gostariam e nem mesmo os protagonistas são as mesmas pessoas depois de transcorrido tanto tempo. Os narradores optam, então, pela escrita, talvez na tentativa de captar e registrar lembranças que se tornam cada vez mais esmaecidas. Imaginam que, ao colocá-las no papel, conseguiriam mantê-las “vivas”, de algum modo. Porém, malogram na tentativa, conformando-se com a inclemente passagem do tempo, que a tudo e a todos modifica.

Darcy buscou misturar-se com as questões e populações dos locais em que residiu e, ainda, fez daquele período um dos mais produtivos de sua carreira como etnólogo e romancista. O exílio não foi um fardo insuportável para o escritor mineiro. Houve, sim, momentos de melancolia, porém, nada que não pudesse ser transposto. No último dos fragmentos retirado das *Confissões* citado acima, Darcy manifesta sua alegria pelo retorno à sua pátria.

Encontramos, em *Migo*, um trecho em que Ageu analisa a condição de exilado pleiteada por seu amigo Elmano, e que bem pode ilustrar o fechamento desta parte do nosso trabalho. O narrador usa o exílio de Darcy e de um Fernando (provavelmente, Fernando Henrique Cardoso) para ironizar o desterro de Elmano:

A glória de Elmano é ter vivido uns anos no exílio, que ele chama de desterro, para se equiparar aos mineiros que acabaram na África. Ele, ao contrário, se deu foi muito bem no tal desterro.

Fez amigos e publicou desbragado. O sofrimento dele, como o do Darcy e do Fernando, foi comerem o amargo caviar do exílio. Isso eles dois reconhecem, reconhecem e proclamam. Elmano não, quer passar por mártir. (RIBEIRO, 1988, p. 118)

Ageu, ao criticar a postura de mártir que Elmano quer assumir, usa a imagem do “amargo caviar” que Darcy e Fernando teriam comido no exílio. Dificuldades aconteceram, é claro, entretanto trouxeram também crescimento e conquistas aos “desterrados”. Tanto Ageu quanto Darcy falam do sofrimento do exílio, e deixam no ar a ideia de que ele foi mais duro para uns do que para outros. Especificamente para Darcy, como vimos, muitos foram os frutos, a comida era amarga, porém, era caviar.

Como pudemos observar, o exílio, ou a errância, dentro do conceito por nós adotado, por mais produtivo que possa ser, é fonte de angústia e de melancolia. Todavia, Edward Said não o enxerga sob esse prisma. Said entende que o exílio é o lugar onde melhor se encaixa o intelectual, na condição de *outsider*. Nessa posição de isolamento, de distanciamento da cooptação do Estado e das forças dominantes, o intelectual teria liberdade para analisar e criticar a ordem estabelecida em seu país de origem. Said chega a comparar o intelectual exilado a Marco Polo – o viajante eterno, o desbravador – em contraposição a Robinson Crusoe, preso em sua ilha (SAID, 1993).

Darcy se aproximou bastante da ideia do intelectual *outsider*, perturbador do contexto em que viveu. Além de participar de atividades políticas nos países que o acolheram, não perdeu contato com os companheiros perseguidos na agitada conjuntura brasileira, à época da ditadura. A diferença é que Said acredita que essa condição de intelectual *outsider* deve ser voluntária e definitiva. No caso de Darcy, ela foi temporária e compulsória. Além do mais, o escritor montes-clarense sempre ambicionou retornar ao Brasil, e voltou a se relacionar com as forças de cooptação dos grupos dominantes.



As fotos que acabamos de inserir neste tópico – presentes no livro *Testemunho*, de Darcy Ribeiro – são interessantes por retratarem dois momentos que bem ilustram o que dissemos acerca do exílio de Darcy Ribeiro: as duas, à esquerda, o mostram no exílio, na Venezuela, e as outras duas, à direita, registram seu retorno ao Brasil. Nas fotos em que ele está no exílio, nós o encontramos instalado em um modesto, porém confortável, escritório, fazendo suas leituras e, no retrato menor, fumando, com expressão carregada. Como dissemos, o período em que esteve fora do país foi realmente bastante produtivo para o autor de *O mulo*. O detalhe da foto de Pelé na parede parece funcionar como uma bandeira, indicando que ali se encontra um brasileiro. Talvez como forma de reafirmar sua brasilidade, de não perder definitivamente os vínculos com a terra natal.

As duas fotos, entretanto, do seu retorno ao Brasil – em que se reencontra com a Praia de Copacabana, em 1976 – são ainda mais emblemáticas. Na primeira, Darcy sentado na areia, sapatos nas mãos, parece absorto, como que não acreditando que estava novamente em terras brasileiras, sem perseguições políticas. Na segunda – que serviu de capa para suas *Confissões* – braços abertos, olhando para o alto, como se estivesse agradecendo aos céus o desejado retorno. Todavia, gostaríamos de explorar um pouco mais a eloquente imagem. Temos um Darcy com roupas e sapatos sociais, que podem ser indícios de vestimenta de uma

pessoa importante, de um intelectual ligado às questões acadêmicas. Por outro lado, ele já retirou o calçado e o paletó, além de dobrar as barras da calça. Esse aparente arranjo para acessar a areia da praia, associamos a uma outra postura de Darcy. Postura do intelectual engajado, ligado às questões indígenas, que viveu anos em tribos variadas, que buscou uma explicação para uma identidade cultural brasileira. Sua imagem concilia a força acadêmica com sua postura de “pés no chão”, ligada ao envolvimento com as questões nacionais.<sup>3</sup>

### **Considerações finais**

Nas obras discutidas neste ensaio, o sentimento de pertencimento, de possuir raízes é, na maioria das vezes, esvaziado, relativizado, perde forças ante o intenso processo modernizador que o progresso trazia. Nesse mundo em grandiosas transformações em todas as esferas, os protagonistas, histórico e ficcionais, são colocados diante de conflituosas relações com suas raízes culturais, com seu grupo social, enfim, com todo o contexto em que viviam. Vagando de lugar a lugar, os sujeitos começam a se questionar acerca da sua identidade. Tantos foram os deslocamentos e adequações às exigências que cada nova migração reivindicava, que eles denotam uma grande dificuldade em definir questões relativas a pertencimento e identidade. O desejo de reconstruir o passado em busca de referenciais identitários se mostra fadado ao fracasso.

Homem com apurado senso crítico, Darcy Ribeiro ficava perplexo diante daquelas transformações e acabou por expressar em suas obras os sentimentos despertados. Optou pela escrita autobiográfica, mesmo que ficcional, não somente para se mostrar, mas como tentativa de resgatar suas origens, de reconstruir uma identidade cultural que se apresentava desnordeada. Todavia, já naquele período, a identidade estava descentrada, quebrada. Esse sujeito fragmentado, vivendo num período de grande instabilidade, tinha como subsídio principal para a escrita a memória, ferramenta falível, seletiva, movediça. Nas narrativas aqui analisadas, nos deparamos com protagonistas dúbios, oscilantes, melancólicos, porém, dotados de potente rigor crítico, analistas céticos da condição humana e descrentes com os rumos que a humanidade ia tomando.

---

<sup>3</sup> As fotos apresentadas encontram-se no livro *Testemunho*, de Darcy Ribeiro, p. 128-129.

## Referências

- COELHO, Haydée Ribeiro. Ángel Rama y Darcy Ribeiro: compartiendo la amistad, los textos y el exílio. *El Matadero*: Revista Crítica de Literatura Argentina. Buenos Aires: Corrigidor, p. 194-204, abr. 2009.
- HALL, Stuart. A formação de um intelectual diaspórico. In: *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.
- OLIVIERI-GODET, Rita. Errância/migrância/migração. In: BERNDM, Zilá (Org.). *Dicionário das mobilidades culturais: percursos americanos*. Porto Alegre: Literalis, 2010.
- PÓVOA NETO, Helion. O lugar da violência nos estudos sobre migrações e mobilidade espacial. In: FERREIRA, Ademir Pacelli (et al.). *A experiência migrante: entre deslocamentos e reconstruções*. Rio de Janeiro: Garamond, 2010.
- RIBEIRO, Darcy. *Confissões*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- RIBEIRO, Darcy. *O mulo*. Belo Horizonte: Editora Leitura, 2007.
- RIBEIRO, Darcy. *Migo*. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1988.
- RIBEIRO, Darcy. *Testemunho*. 4 ed. Rio de Janeiro: Apicuri; Brasília, DF: UnB, 2009.
- SAID, Edward. *Reflexões sobre o exílio e outros ensaios*. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. SAID, Edward. *Representações do intelectual: as conferências Reith de 1993*. Trad. Milton Hatoum. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.